

# Portfólio



NATÁLIA  
COEHL

2023

# BIO

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC), com o tema de pesquisa "7 Ritos de Passagem de uma Bruxa Urbana: performances para fazer crescer a floresta em um corpo pavimentado". Graduada em Artes Cênicas desde 2006 e em Licenciatura em Teatro desde 2017 pelo IFCE. Entre 2007 e 2017 morei em São Paulo, onde apresentei diversos espetáculos de dança, performance e teatro, tanto em São Paulo como em outros estados do Brasil, e aprofundei a minha pesquisa nessas linguagens por meio de cursos e workshops. Hoje participo da segunda turma do CoLaboratório de Artes Circenses.

Durante esse período, muitas inquietações surgiram em mim, e por causa delas decidi iniciar um trabalho autoral de criação para espaços urbanos. Os trabalhos que apresentarei agora fazem parte da pesquisa que realizo no mestrado citado acima. Chamo o primeiro rito de PET (2014), onde questiono os valores do nosso movimento: quanto recebemos para realizar algo que não faz parte dos nossos princípios? Assim, decidi me encoleirar com uma coleira de pérola e pedir para o performer Mario Filho me levar para passear. Pachamama (2014) se fez como segundo rito junto com Descarto-me (2015), pois ambas as performances usam o lixo como elemento de encantamento, o que me fez questionar a diferença entre oferenda e descarte. O terceiro rito se chama Resistência (2016), onde decidi me soterrar embaixo de pedaços de concreto, como um rompimento do estado de alicerce que sustenta uma estrutura que me oprime. O quarto rito se chama A Morte da Bonitinha (2018), e está relacionado a um rompimento com as hierarquias e privilégios e uma busca pelo chão - horizontalidade. Em Cavalgada Selvagem (2018), o espaço cênico se torna o local de apresentação. Este processo de criação ocorreu no Laboratório de Dança do Porto Iracema das Artes, sob a tutela de Marcelo Evelin. Thales Luz, Diogo Braga e eu investigamos a escuridão como matéria de criação de um corpo não dado. Criamos assim uma experiência ritualística performática, onde grande parte do trabalho ocorre na escuridão total. O sexto rito, Ame as Deusas (2021), fez parte do 72º Salão de Abril. Este trabalho é um ato herege criado por mim e por Marcelina Acácio. Assim, alteramos um letreiro que dizia "Ame a Deus" para "Ame as Deusas". O último rito de passagem de uma bruxa urbana chama-se "Células Florestais". Este trabalho foi exposto no 73º Salão de Abril com o objetivo de encantar a visão dos urbanos para que eles possam enxergar as plantas que brotam entre as rachaduras das calçadas. Com este rito, descobri que muitas das plantas que crescem nestes locais são comestíveis e medicinais, e comecei a marcá-las na pavimentação. Hoje, junto a Patricia Silva, arquiteta e urbanista, demos início ao Laboratório de Práticas Desurbanísticas, que se trata de convidar pessoas para andar pela cidade para pensar a floresta nos centros urbanos. Em nosso último percurso, procuramos o olho d'água do Riacho Maceió.

**7 RITOS DE PASSAGEM  
DE UMA BRUXA URBANA:**

PERFORMANCES PARA FAZER  
CRESCER A FLORESTA EM  
UM CORPO PAVIMENTADO

RITO  
DE  
PASSAGEM  
1

**PET:  
SERÁ QUE ME  
TORNEI UMA  
MULHER  
CIVILIZADA?**



O primeiro rito de passagem se apresentou na performance PET (2014), cuja principal questão é o corpo selvagem que foi civilizado pelo poder da valorização de troca exigida pelo sistema global e patriarcal de consumo. A imagem de PET me chegou como uma visão oculta do movimento que eu fazia para tentar me adequar a essa valorização sistêmica patriarcal. Assim, me vi encoleirada com uma coleira de pérolas tentando agradar aquilo que mais me aprisionava. Nessa performance, acionei o primeiro feitiço da bruxa que me ajudou a criar este rito de passagem: a visão. Para explicar essas questões, utilizei os conceitos-feitiços de olhar habitual e olhar xamânico trazidos por Jeremy Narby, que me ajudaram a observar e mostrar o que existe por trás da aparência de uma forma. Além disso, os conceitos de instinto de Brian Massumi e de valor instrumental, intrínseco e inerente de Daniel Lourenço me auxiliaram a transcender os limites de movimento do meu corpo e romper os laços com a coleira invisível.

RITO  
DE  
PASSAGEM

2



**PACHAMAMA E  
DESCARTO-ME:  
A OFERENDA DA  
URBANIDADE À  
TERRA**



O segundo rito de passagem engloba duas performances: Pachamama (2014) e Descarto-me (2015), que representam o caminho para alteração do estado de consciência de um corpo consumista. A grande magia energética humana capitalística se manifesta ao consumir a energia da terra para produzir mercadorias, sem se preocupar com o lixo que produzimos e retornamos para ela. É nesse contexto que a performatividade dessas intervenções urbanas se manifesta ao incorporar elementos dessa materialidade e friccionar meu corpo nelas. Como seria vestir a pele da Terra hoje? É possível entrar em decomposição estando viva? Assim, busco entender a diferença entre oferenda e descarte, utilizando os conceitos-feitiços de sacrifício de Reginaldo Prandi, o pensamento de David Kopenawa sobre mercadoria, a metamorfose de Emanuele Coccia, a fórmula da teoria da relatividade de Einstein para energia, e a visão de Estamira sobre lixo e seu transbordo.

RITO  
DE  
PASSAGEM

3

# RESISTÊNCIA



A relação com a materialidade do concreto surge como objeto de fricção no terceiro rito de passagem: RESISTÊNCIA (2016). É importante para uma bruxa urbana observar seus estados emocionais a partir de como seu corpo se movimenta no cotidiano. Na performatividade de Resistência, a ideia se instaura a partir de um corpo que resiste a uma estrutura, pensando também no ato de resistir como ação de sustentação. Assim, surge o conceito de corpóalicerce, através da pergunta: O que tenho sustentado que não me cabe mais? O que essa ação de resistir ao que não quero mais causa no meu corpo? É possível soltar e parar de resistir? É por esse caminho que busquei refletir sobre como os tonos musculares e vetores de movimento operam nessas situações, utilizando os conceitos-feitiços de resistência de Klauss Vianna e da experiência com os exercícios "7 níveis de tensão muscular" provenientes dos estudos de Mímica e Teatro Físico. Além disso, trago a carta A Torre, do Tarot de Marcelha, como metáfora para o surgimento de uma transformação a partir do desmoronamento dessa torre; de nascimento para Emanuele Coccia; e de erva daninha que brota entre as rachaduras das calçadas de Hakim Bey, para mobilizar outras formas de existir.

RITO  
DE  
PASSAGEM

4

## A MORTE DA BONITINHA

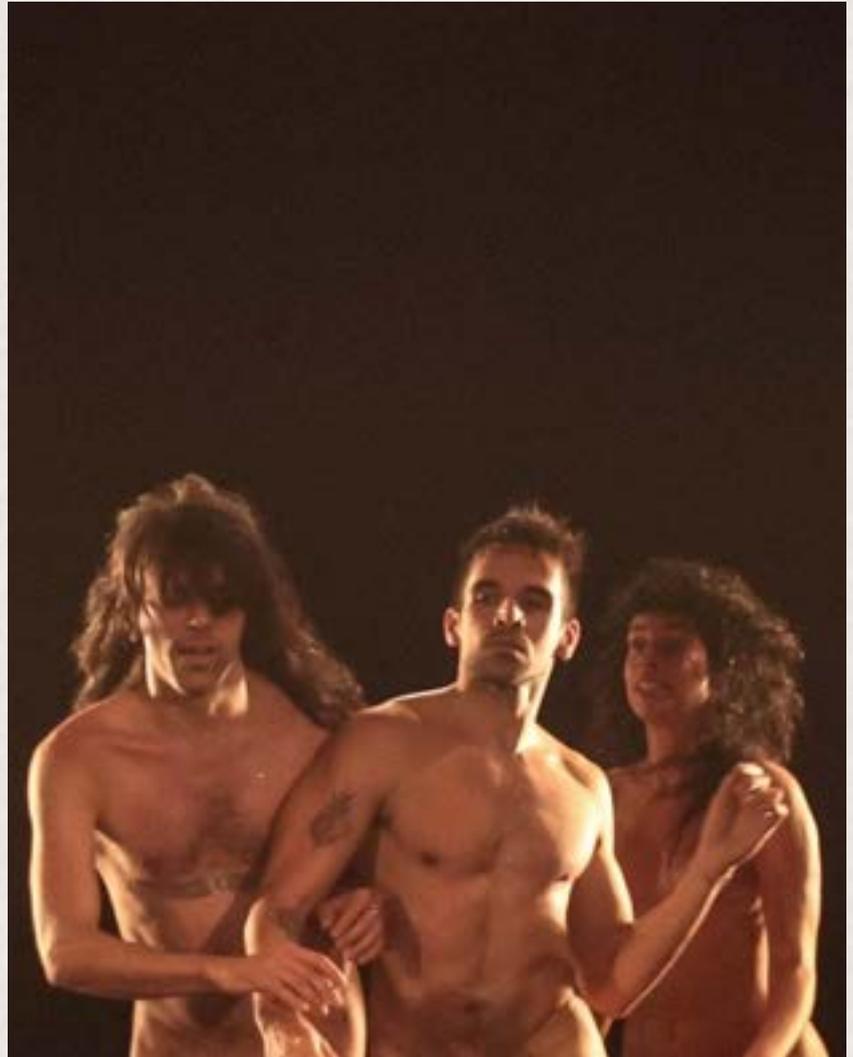


Em "A MORTE DA BONITINHA (2018)", a materialidade do concreto também compõe essa performatividade. Por meio dessa ritualidade, questiono meus privilégios e a domesticação do meu corpo promovida pela vestimenta da "bonitinha", com o intuito de fazer essas máscaras sociais desmoronarem dentro de mim. Essa ritualidade coloca em jogo os desejos enraizados e a imagem da mulher criada pelo sistema patriarcal, que é vista como alguém que precisa de melhorias urbanas para se locomover pela cidade. Para mover o pensamento, trago o conceito de máscara e desterritorialização de Rolnik (2016), que é usado em sua investigação sobre as noivinhas, para observar, como cartógrafa de mim mesma, a produção dos meus sentidos e como isso afeta meus estados emocionais. Os conceitos trabalhados nesse rito de passagem são: "bonitinha" de Sergio Rocha, morador do Poço da Draga; membrana de Lynn Margulis; mito de Deleuze e Mircea Eliade; contraespaços de Foucault; e manipulação simbólica de Hakim Bey.

RITO  
DE  
PASSAGEM

5

**CAVALGADA  
SELVAGEM**



No quinto rito de passagem, CAVALGADA SELVAGEM (2018), a bruxa é liberada pelo sabá performativo que a experiência desta ritualidade dançante apresenta. O desgoverno, o não dado, o transe e a escuridão se tornam os elementos principais para a investigação do movimento. Assim, a bruxa, como simbolismo vivo do mundo ao contrário, abre as portas para o universo da alma selvagem e da indomabilidade do corpo, que é incorporado pelo encontro com a escuridão. Como seria dançar sem o sentido da visão? O que acontece com nossos sentidos e movimentos nesse estado? Para produzir pensamento por este caminho, foram trazidos os conceitos de alguns autores: bruxa e capitalismo de Silvia Federici, luz de Jonathan Crary, dança na escuridão de André Lepecki e possessão de José Gil.

# RITO DE PASSAGEM

6

## AME AS DEUSAS

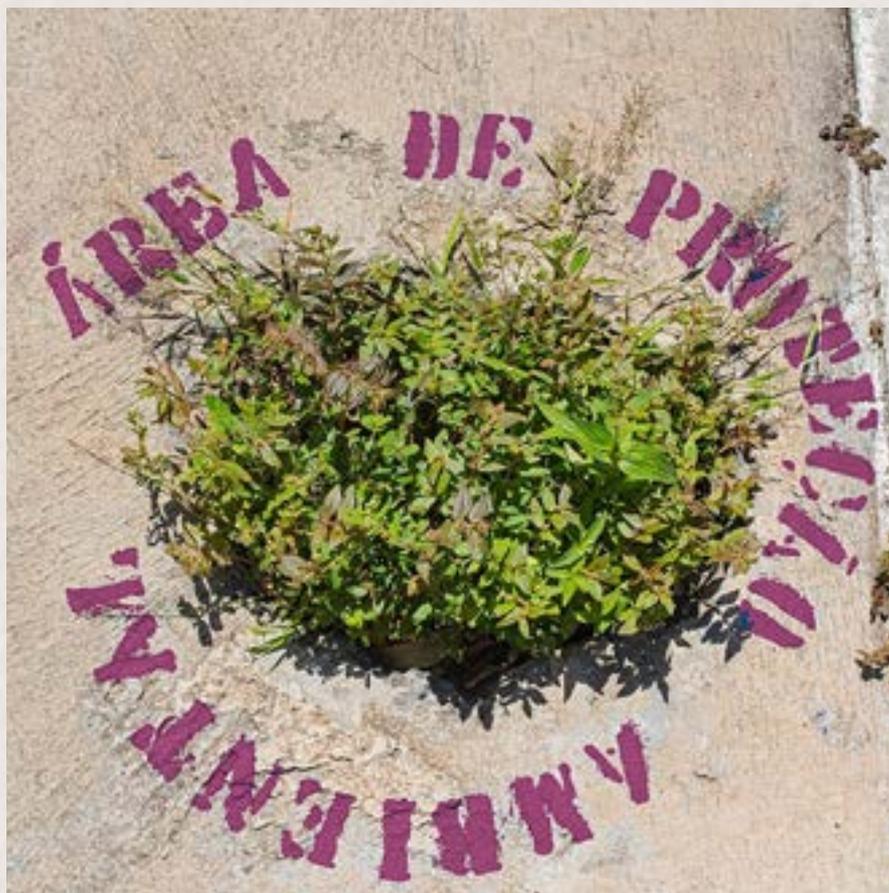


Observar a cidade pela visão das deusas promove uma alteração dos sentidos para aqueles corpos que mantêm, em seu cotidiano, adoração a um deus unívoco. No rito de passagem "Ame as Deusas", proponho, junto com Marcelina, um mergulho em um universo de acolhimento das deusas que nos ajudou a pensar a fé mais como um caminho de dança que se manifesta por princípios hereges, ou seja, por uma escolha entre diferentes filosofias - conceito desta palavra para os gregos. Essa ritualidade aconteceu por meio de uma intervenção urbana, mas ela só se faz presente na reza diária dedicada a essas deidades de energia feminina. Para onde ou para quem destino meus pensamentos e orações? Por que amar as deusas não é permitido? Assim, alteramos uma placa localizada em um viaduto de nossa cidade que dizia "Ame a Deus" para "Ame as Deusas". Para auxiliar nesse pensamento, trago o conceito-feitiços de memória das matriarcas indígenas Mura, Akrãtikatêjê e Terena.

RITO  
DE  
PASSAGEM

7

## CÉLULAS FLORESTAIS



Para enxergar a floresta onde só existe concreto, precisamos de uma visão celular que amplie as pequenas fissuras, como um microscópio. A ritualidade "Células Florestais" (2022) propõe uma disputa de território para superar as fronteiras entre o mundo humano e outras espécies (Anna Tsing), rompendo com o feitiço da dicotomia entre natureza e cultura. Criar formas de fazer um contra-feitiço envolve em levar a nossa atenção (Tereza Castro) às pequenas fissuras que se abrem nas calçadas pavimentadas. Dessa forma, investiguei cada espécie que crescia nesses pequenos espaços de terra visíveis, com o intuito de reconhecê-las como amigas. Descobri que muitas dessas espécies são plantas alimentícias e medicinais. Observar a floresta que cresce na cidade é um rito de passagem vivido pela bruxa urbana, que nos ajuda a refletir sobre a nutrição da base da nova estrutura que precisamos criar. Quais são os direitos e valores das plantas dentro dos estatutos humanos (Daniel Lourenço)? Quais foram as leis que nos orquestraram a ter medo da floresta nas zonas urbanas (Ricardo Cardim)? É possível aglutinar as células florestais para criar um corpo florestal?

# LABORATÓRIO DE PRÁTICAS DESURBANÍSTICAS



Os processos de desurbanização de um corpo requerem tempo e prática de gestos que criem mundos diferentes dos que existem agora. O Laboratório de Práticas Desurbanísticas foi criado para promover encontros onde grupos de pessoas possam mover seus corpos por caminhos que nos distanciam dos movimentos urbanizados e colonizadores. Percorremos a cidade pensando e movendo a simbiose entre natureza-cultura, floresta-cidade e corpo-mente, com o intuito de fundir essa dicotomia em nós. Acreditamos que nossos estados de consciência também foram moldados pela cidade, e por isso é importante alterá-los através da experiência vivida. Movemos gestos como forma de promover reflexão e alteração de hábitos. Pelo corpo, pensamos. Pela natureza, criamos. Na floresta, podemos viver. Pensar e andar na cidade para criar um corpo florestal é o nosso caminho de ação.

C O N T A T O

N A T A L I A C O E H L

85988459144

[nataliacoehl.wix.com/coehl](http://nataliacoehl.wix.com/coehl)

 @nataliacoehl

 @celulasflorestais